

opinião



**Dr. Vasco de Mello**  
Advogado

## O Mutualismo Faz Sentido nos Tempos de Hoje?

O mutualismo nasce em Portugal nos finais da primeira dinastia, no Reinado de D. Fernando, com a necessidade de se criar apoios, na doença e no momento da morte. Através do pagamento de uma quota mensal, os membros destas associações asseguravam a existência de cuidados médicos para quando caíam enfermos, bem como custear as despesas inerentes à passagem da alma do associado para o local do seu eterno repouso.

Durante o século XIX, devido ao sentimento de solidariedade social que nos foi trazido pela idade das luzes, o mutualismo expandiu-se para outros campos, como é o caso da cultura e a educação, dando a origem a instituições que ainda hoje perduram, como é o caso da Voz do Operário. Este período representou um renascer do movimento mutualista, a centúria seguinte irá representar um desafio para este movimento da sociedade civil.

A partir da segunda metade do século XX, em virtude das transformações vividas pelas sociedades mais avançadas e na sequência de exigências das suas sociedades civis, desde dos finais da centúria anterior, os Estados Europeus iniciaram a construção de uma estrutura que prestasse serviços de saúde e de educação a todos os seus cidadãos, bem como a edificação de instituições que os protegessem aquando da velhice ou em caso de infortúnio. Foi o nascimento do Estado Social. O Estado Social poderia vir a colocar em causa o mutualismo, uma vez que o surgimento parecia poder vir a substituí-lo. Mas, apesar disso, o mutualismo sobreviveu.

E hoje, em meados do século XXI, a existência do mutualismo fará sentido? Aparentemente, parece que não. A sociedade atual parece não ir nesse sentido, uma vez que, por um lado, os instrumentos de apoio social criados pelo Estado Social subsistem e por outro, o mercado encarregou-se de criar

instrumentos, que poderemos considerar como sucedâneos do mutualismo – os fundos de pensões e os seguros de saúde.

Como referi, apenas aparentemente, a existência do mutualismo não fará sentido. Com efeito, os instrumentos de apoio social criados no século anterior, para alguns, estarão, a curto, médio prazo, em crise.

O fato do crescimento da população ser diminuto e a longevidade, colocam em causa, a sustentabilidade e subsistência do regime de pensões público e a própria segurança social. Por causa disso a necessidade de existirem sistemas complementares de proteção na doença e na velhice. Por outro lado, as últimas crises do capitalismo vieram suscitar problemas nos produtos financeiros criados para substituir os sistemas públicos.

Com efeito, o argumento de que bancos ou seguradoras são “demasiado grandes para falirem” resulta de muitos fundos de pensões privados terem feito no início deste século, muitos investimentos em ativos tóxicos detidos por essas instituições financeiras, os quais se tivessem seguido o seu normal curso no mercado, conduziria, certamente, à sua falência e conseqüentemente, ao fim das pensões de milhares de norte-americanos, que lhes haviam confiado as suas poupanças.

A participação dos associados na gestão e fiscalização das associações mutualistas impede que se caia em situações semelhantes àquelas que ocorreram com os fundos de pensões na crise de 2008, cuja gestão era feita pelas instituições financeiras que, curiosamente, os controlam, mas não os detêm.

O movimento associativo faz todo o sentido nos dias que correm. O mutualismo tem pois, futuro. +